



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2013
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Imaginários sobre tradução e tradutor
<b>Autor</b>	LUCIANA PINTO RANGEL
<b>Orientador</b>	SOLANGE MITTMANN

Com este trabalho, vinculado ao Projeto de Pesquisa Autoria e Interpretação de Objetos Discursivos (PIBIC – CNPq/UFGRS), busco investigar os imaginários a respeito do tradutor e da tradução presentes em textos da internet. Tendo como base teórica a Análise do Discurso de corrente francesa, os principais conceitos abordados são os de formação discursiva, memória, autoria e função autor. Para a discussão, utilizo como recortes discursivos quatro entrevistas sobre a tradução do romance Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, realizada por Ernani Ssó. A primeira foi publicada no blog Mundo Livro, a segunda, na página web do jornal Zero Hora, a terceira, no site Sul21, e a quarta foi postada no blog Textostelona. Considerando que o discurso remete sempre a outros discursos anteriores ou posteriores (PÊCHEUX, 1993 [1969], p.77), e que “a língua é o lugar material em que inconsciente e ideologia se articulam” (ORLANDI, 2001, p.45-46), procuro verificar que tipo de memória sobre o tradutor e sobre a tradução emerge nesses/desses textos. Assim, observo, tanto nas introduções das matérias quanto em perguntas e respostas, a manifestação de um imaginário sobre autoria na tradução baseado no conflito entre duas formações discursivas: uma que reconhece a autoria do tradutor e outra que vê a tradução como transporte de sentidos, sem aceitar interferências, num movimento ora de admissão, ora de recusa de deslizamentos no processo tradutório. Neste último caso, ao se ter em mente que “as concepções da língua estão na base das concepções de tradução” (MITTMANN, 2003, p.59), percebe-se uma suposta manifestação da memória da língua como transparente e unívoca e de uma espécie de transferência do equívoco constitutivo da língua para o tradutor. Isso se dá, por exemplo, por meio do reconhecimento de erros em traduções anteriores de Dom Quixote, que servem como fator motivador de uma nova tradução, buscando e pressupondo a existência da forma correta de dizer. A respeito das características e da função do tradutor, nos textos analisados, parece permear o conflito entre as formações discursivas de autoria versus apagamento do tradutor: o profissional é apresentado como aquele ao qual cabe, por um lado, transportar ritmos e tons e, por outro, recriar na mesma atmosfera do original. O imaginário da necessidade de criar sem ser percebido (ou até mesmo de criar para não ser percebido) aparece como evidência.